

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

LAÍS FERREIRA DE OLIVEIRA

**SURDO DANÇA? UMA REVISÃO INTEGRATIVA SOBRE
METODOLOGIAS APLICADAS AO ENSINO DE DANÇA PARA
SURDOS NO PERÍODO DE 2017 - 2021**

MANAUS

2022

LAÍS FERREIRA DE OLIVEIRA

**SURDO DANÇA? UMA REVISÃO INTEGRATIVA SOBRE
METODOLOGIAS APLICADAS AO ENSINO DE DANÇA PARA
SURDOS NO PERÍODO DE 2017 - 2021**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Dança da Escola Superior de Artes e Turismo – Universidade do Estado do Amazonas, como requisito final para a conclusão de Curso.

Orientador(a): Profa. Dra. Érika da Silva Ramos

MANAUS

2022

LAÍS FERREIRA DE OLIVEIRA

**SURDO DANÇA? UMA REVISÃO INTEGRATIVA SOBRE
METODOLOGIAS APLICADAS AO ENSINO DE DANÇA PARA
SURDOS NO PERÍODO DE 2017 - 2021**

Aprovado em: 26/05/2022

Resultado: AP1 8,0 + AP2 9,4 = 8,7

BANCA EXAMINADORA



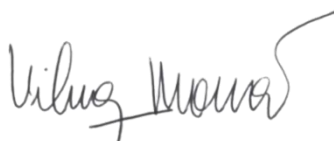
Érika da Silva Ramos (Orientadora)

Universidade do Estado do Amazonas – UEA



Cíntia Matos de Melo (Membro)

Universidade do Estado do Amazonas - UEA



Vilma Maria Gomes Peixoto Mourão (Membro)

Universidade do Estado do Amazonas - UEA

Para ti ó menina das flores, que dançava
no silêncio, em concretos e azulejos.

AGRADECIMENTOS

A Deus por estar comigo sempre, sendo a fonte principal de toda força movendo os meus sonhos para o campo da realidade. Ao meu amado esposo pela oportunidade única de conhecer o 'mundo dos surdos' por uma perspectiva tão inspiradora. Também o agradeço por ser meu companheiro durante essa jornada acadêmica, obrigada pelos conselhos, o acolhimento, as caronas, os pequenos momentos de partilha que se fizeram importantes para que eu pudesse chegar até aqui. Aos meus amigos, Andy e Tay, parceiros de choros, risos, e muito estudo nos corredores da ESAT. A minha orientadora Érika Ramos (Penélope) pelos conselhos e a humildade em receber a mim como orientanda, mesmo nos momentos mais difíceis. E finalmente, a todos os professores excepcionais que foram parte fundamental da minha vida enquanto futura profissional da Dança.

“Mudaste o meu pranto em dança, a minha veste de lamento em veste de alegria, para que o meu coração cante louvores a ti e não se cale.”

(Salmos 30, 11)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo conhecer os principais aspectos culturais e identitários do sujeito surdo para possíveis adaptações metodológicas no ensino da dança, sob uma perspectiva não ouvintista. Foi realizada uma revisão INTEGRATIVA buscando por produções científicas (monografias, dissertações, teses e artigos) que apresentaram propostas metodológicas utilizando artefatos da cultura surda para o ensino da dança para surdos. A busca foi feita na plataforma Oasis e nos repositórios das faculdades e universidades que ofertam o curso superior em dança no Brasil. Após a etapa de seleção de trabalhos acadêmicos, a pesquisa resultou num total de 4 publicações encontradas. A quantidade reduzida de achados é uma amostra da realidade do ensino da dança para esse público, o que revela a escassez de propostas, decorrente de uma série de fatores que incluem tanto a legislação que rege o sistema educacional brasileiro, fatores históricos, socioculturais e biopsicológicos.

Palavras-chave: Dança; Surdez; Ensino; Metodologia; Arte.

ABSTRACT

This study aims to know the main cultural and identity aspects of the deaf subject for possible methodological adaptations in dance teaching, from a non-hearing perspective. A systematic review was carried out looking for scientific productions (monographs, dissertations, theses and articles) that presented methodological proposals using artifacts from the deaf culture to teach dance to the deaf. The search was carried out on the Oasis platform and on the repositories of colleges and universities that offer higher education in dance in Brazil. After the stage of selection of academic works, the search resulted in a total of 4 publications found. The small amount of findings is a sample of the reality of dance teaching for this audience, which reveals the scarcity of proposals, resulting from a series of factors that include both the legislation that governs the Brazilian educational system, historical, sociocultural and biopsychological factors.

Keywords: Dance; Deafness; Teaching; Methodology; Art.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Infográfico com os resultados encontrados	37
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	American Sign Language
CAS	Centro de Apoio ao Surdo
CETAM	Centro de Educação Tecnológica do Amazonas
ENS	Escola Normal Superior
ESPI	Escola de Serviço Público Municipal e Inclusão Socioeducacional
IFAM	Instituto Federal do Amazonas
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
LL	Letras Libras
NAPNE	Núcleo de Apoio às Pessoa com Necessidades Especiais
PB	Pedagogia Bilingue
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
SESC	Serviço Social do Comércio
UEA	Universidade do Estado do Amazonas
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFRN	Universidade Federal Rio Grande do Norte
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
IFG	Instituto Federal Goiano

UFG	Universidade Federal de Goiás
UFMT	Universidade Federal do Mato Grosso
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UJDC	Bay International Deaf Dance Festival

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Nº de trabalhos encontrados na Plataforma OASIS	28
Tabela 2 – Nº de trabalhos encontrados por Instituição	29
Tabela 3 - Resultados: Universidade do Estado do Amazonas.....	30
Tabela 4 - Resultados: Universidade Federal do Pará.....	30
Tabela 5 - Resultados: Universidade Federal do Pará.....	31
Tabela 6 - Resultados: Universidade Federal do Rio Grande do Norte	31
Tabela 7- Resultados: Universidade Federal de Pernambuco	31
Tabela 8 - Resultados: Universidade Federal de Sergipe	32
Tabela 9 - Resultados: Universidade Federal da Paraíba.....	32
Tabela 10 - Resultados: Universidade Federal de Sergipe	32
Tabela 11 - Resultados: Universidade Federal da Bahia	33
Tabela 12 - Resultados: Universidade Federal de Goiás	33
Tabela 13 - Resultados: Universidade Federal do Mato Grosso	33
Tabela 14 - Resultados: Universidade Federal do Rio de Janeiro	34
Tabela 15 - Resultados: Universidade Federal Viçosa.....	34
Tabela 16 - Resultados: Universidade Federal de Uberlândia	34
Tabela 17 - Resultados: Universidade Federal do Rio Grande do Sul	35
Tabela 18 - Resultados: Universidade Federal de Pelotas.....	35
Tabela 19 - Resultados: Universidade Federal de Santa Maria	35
Tabela 20 - Resultados: Universidade de Caxias do Sul.....	36
Tabela 21 - Resultados: Universidade Federal de Santa Catarina.....	36

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	REVISÃO DA LITERATURA	14
2.1	O SURDO E A DANÇA	14
2.2	A EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL	18
2.3	A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA DE SINAIS	19
2.3.1	O acesso ao ensino de Libras	21
2.4	IDENTIDADE E CULTURA SURDA	23
2.5	ARTEFATOS SURDOS	25
3	METODOLOGIA	26
3.1	QUANTO À FINALIDADE	26
3.2	QUANTO AOS OBJETIVOS	26
3.3	PROCEDIMENTOS TÉCNICOS	26
3.3.1	Quanto à abordagem	27
3.4	PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS	27
3.5	PROCEDIMENTOS DE TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS	28
4	RESULTADOS	37
4.1	A DANÇA EDUCAÇÃO E SUA CONTRIBUIÇÃO NO DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR NA EDUCAÇÃO ESPECIAL	38
4.2	O JOGO PODE SE TRANSFORMAR EM DANÇA: UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA INCLUSIVA NA ESCOLA PÚBLICA	38
4.3	DANÇA E SUJEITOS SURDOS: UMA REFLEXÃO PEDAGÓGICA	39
4.4	UMA EXPERIÊNCIA COM O ENSINO DA DANÇA BREAKING COM ALUNOS SURDOS	39
5	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	41
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	44
	ANEXO	47

1 INTRODUÇÃO

A sala de aula para o professor de dança é um espaço onde a diversidade ainda segue como um tabu. O interesse em pesquisar sobre a temática deste projeto surgiu inicialmente a partir de relatos informais com professores de dança licenciados pela graduação em dança da UEA, sobre a experiência ao se depararem com um aluno surdo em sua sala de aula e ficarem atônitos, sem saber o que fazer ou como improvisar as instruções da aula usando mímicas ou leitura labial. A dificuldade encontrada por esses profissionais despertou uma inquietação em querer buscar compreender quem é o sujeito surdo, sob uma perspectiva humanizada, refletindo sobre propostas e ações ao ministrar aulas de dança para esse público que possui especificidades tão distintas.

Por meio das aulas de educação inclusiva na dança e os materiais disponibilizados que tratavam do ensino de dança para surdos, foi possível ter alguma noção de certas possibilidades dentro desse contexto, entretanto algumas lacunas deixadas por esses trabalhos, como no caso da tentativa 'ouvintizar' os surdos não levando em consideração aspectos como identidade e cultura surda ou mesmo a língua de sinais, motivaram a criação de um projeto de pesquisa que pudesse apresentar como resultado um compilado de conhecimentos essenciais para aqueles que desejam trabalhar a dança sob a perspectiva dos surdos.

Na atualidade infelizmente ainda permanece o discurso tradicionalista no qual o aluno tábula rasa deve moldar-se rigidamente pelas exigências do meio. Esse lugar pouco receptivo aos diferentes pode ser resultado de uma série de fatores, porém a falta de qualificação dos profissionais licenciados que atuam no ensino da dança só agrava essa situação de descaso. No caso dos alunos surdos, por exemplo, ainda há muitos preconceitos e mitos do senso comum entorno da surdez, além de uma grande barreira linguística da qual muitos professores não têm a menor noção de como devem transpor, ou que estratégias devem adotar para promover um ensino que inclua esses alunos. Ao ministrar aulas para surdos, sejam elas em salas de inclusão ou específicas, é preciso conhecer esses sujeitos para oferecer um atendimento de qualidade, entretanto diante da vastidão que é o mundo do sujeito surdo, o educador pode se perguntar: Quais aspectos do sujeito surdo são importantes e devem ser levados em consideração para que sejam feitas possíveis adaptações metodológicas no ensino da dança?

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 O SURDO E A DANÇA

Segundo Rengel (2017) “Dança é relação, é ação, por meio de um conjunto de elementos que se comunicam. A Dança não se aparta da reflexão, da consciência crítica e ética que se faz necessária na Educação de Artes”. Nesse contexto a dança não deve ser encarada apenas como mera expressão, atividade de lazer ou recurso terapêutico, pois enquanto arte ela está vinculada aos padrões sociais que operam na sociedade, em diferentes tempos e lugares, não havendo uma visão desinfluciada ou isolada (BARBOSA, 2002).

O contexto em que se dá a dança trata de um processo de comunicação especializado e que produz conhecimento testando diferentes competências: sensório-motoras, intelectuais, perceptivas, emocionais, de forma entrelaçada. A dança comunica com a produção de um pensamento, o qual possui um modo, ou modos específicos. O texto da dança é construído com elementos que se conjugam no corpo, no som, no espaço, no movimento. O corpo que dança se propõe, em movimento, a criar e resolver questões que discutem possibilidades de organizar uma realidade, um contexto. (RENGEL et al., 2017, p. 12).

Segundo Vianna (2005, p. 32) “dançar é estar inteiro”, pois ela não é feita somente dançando, mas também pensando e sentindo. Assim é possível entender que a dança, enquanto linguagem artística, não pode ser confundida pela simples comunicação pelo gesto uma vez que esta comunica e expressa de forma não linear, sendo o movimento indissociável do pensamento e da linguagem (PINTO, 2015). A gestualidade está presente dança como hiponímia, isto é, faz parte do conjunto que compõe esta arte, portanto não deve ser encarada como hiperonímia ao tomar essa parte do gesto como uma representação do todo, no caso a dança. Esse modo de transmissão não linear e o fazer do conhecimento corporal sinestésico incluem uma gama de elementos internos e externos que contribuem para sua existência enquanto dança.

Enquanto expressão artística estética, a dança para os surdos não deve ser focada somente na gestualidade. Por mais que a função comunicacional seja feita principalmente através da língua de sinais, o que coloca os surdos próximos de uma vivência corporal mais expressiva, quando comparada a língua oral, existe uma

gama de aspectos biopsicossociais que influenciam diretamente a vida desses sujeitos e são grandes potenciais a serem explorados.

No que se refere aos acontecimentos como a surdez, a sua representação, como anteriormente mencionado, não dá conta das tensões e da potencialidade dos afetos experienciados nas formas de vida denominadas surdas, tampouco, a expressividade de seus corpos exige uma aproximação de um jogo de linguagem que, por sua vez, é pré-linguístico, compreendendo gestos, fisionomias e movimentos que raramente são apreendidos pela linguagem, embora possam ser compensados parcialmente pela familiaridade de seus jogos. Afinal, são resultantes de um processo em que as partes do corpo se coordenam para sincronizar uma ação expressa, uma fisionomia ou um movimento, enfim, uma performance corporal, acompanhada de afetos alegres ou tristes, potencializadores ou não da existência, dando a ela sentidos que implicam ou não numa autotransformação de si mesmos e, por vezes, numa reorganização ou, mesmo, transformação da comunidade em que sensível e imediatamente atuam. (PAGNI, 2019, p.17).

Mesmo os surdos estando tão próximos dessa vivência corporal, que é a gestão do conhecimento por meio da cognição expressada em movimentos, existe um enorme abismo entre os surdos e a dança. No contexto social a dança para os surdos mais antigos fazia parte de um repertório de obrigações impostos aos surdos como forma de aproximação de vida ao modelo de vida ouvinte (NEVES, 2021). Com o passar do tempo os jovens desta geração que não passaram por esse processo de ter a dança como um artefato reformatório da Identidade Surda para uma cultura ouvinte, isto é, a juventude surda da atualidade tem aos poucos ampliado o contato com a dança, principalmente a dança moderna, encontrando nesse lugar novas perspectivas para a criação artística.

Em 2013, o Bailarino e Coreógrafo surdo Antoine Hunter criou o *Bay International Deaf Dance Festival* (UJDC), um festival internacional de dança para pessoas surdas, com o objetivo de conectar artistas de diversas partes do mundo e construir uma comunidade para que eles aprendessem, como ele, que não estão sozinhos como artistas. Por meio da UJDC, os artistas Surdos têm a oportunidade de celebrar seus talentos e contar suas histórias através da dança, pois a companhia realiza e realiza oficinas nacionais e internacionais em palcos profissionais, em instituições Surdas, em escolas e faculdades públicas, centros de terceira idade, centros de recreação e museus. A empresa aborda questões como direitos humanos, acesso e empoderamento para comunidades surdas e deficientes, acabando com a discriminação e curando o abuso doméstico e sexual.

A autora Maria Fux, em seu livro *Formação em Dançaterapia*, narra a experiência única que teve enquanto professora de uma aluna surda:

Essa experiência maravilhosa com Maria Fernanda foi o ponto alto de 25 anos de busca, nos quais, com a minha intuição, pude vislumbrar que o silêncio pode ser dançado pelos surdos, não de forma repetitiva, mas de modo absolutamente criador. Foram anos de experiência integradora, com surdos de todas as idades.[...] Comprovou-se assim que a criatividade não entra no corpo pelo que escutamos, mas abre-se um canal diferente no espaço em que o ouvido não é apoio para o movimento. O que existe são ideias, palavras, pontes de comunicação por meio das formas sensíveis que todo ser humano tem em seu interior. O importante é encontrar a ponte. Com Maria Fernanda, tive a absoluta comprovação da possibilidade e da realidade - - que a criatividade nasce do movimento. (FUX, 1996, p.18).

O relato da autora corrobora com a ideia de que o potencial criador da dança nasce do movimento e não do que o bailarino ouve. Proporcionar essa experiência com a dança para os surdos abre a possibilidade de uma expressão estética, conforme afirma Merleau Ponty (1999) de conferir a existência em si àquilo que exprime, instala-lo na natureza como uma coisa acessível a todos ou, arrancar os próprios signos de sua existência empírica e os arrebatá-los para outro mundo. É criar como cita Fux (1996) uma 'ponte de comunicação', para que as vivências e percepções do sujeito surdo possam estar acessíveis e ele possa enaltecer a sua cultura por meio da arte.

A dança não costuma ser algo natural para a cultura surda. Devido às perseguições que sofreram ao longo da história, e principalmente do período em que o uso da língua de sinais foi proibido em muitos países, os corpos surdos foram doutrinados por um currículo escolar que priorizava a salubridade, a higiene, a boa alimentação e a prática da ginástica para fortificar os corpos, contribuir com a formação moral e reprimir desvios sexuais (LULKIN, 2010). Tal condicionamento pode ser um dos fatores que causaram esse distanciamento entre a prática dança e a cultura surda.

Ao longo da história, em diferentes culturas, existiram formas diversas de entender o sujeito surdo. Para os egípcios e os persas, os surdos eram considerados como criaturas privilegiadas, pois se acreditava que em sua condição de surdez eles só seriam capazes de ouvir a voz dos deuses, mantendo uma comunicação em segredo com os deuses. Estes povos protegiam e adoravam os surdos por sua posição enquanto 'seres sagrados'.

Na antiguidade Grega e Romana, os surdos eram considerados inválidos. Em sociedades que contemplavam a perfeição humana como virtude divina, as

deficiências eram consideradas resultado de castigos ou feitiços, assim as pessoas que apresentavam algum desvio a normalidade imposta sofriam castigos e/ ou eram condenadas à morte – abandonadas; lançados em abismos ou afogadas em rios.

Durante o período da Idade Média, os surdos eram encarados como aberrações pecaminosas, sendo até mesmo condenados a morte em fogueiras. Essa visão era baseada no estranhamento a deficiência e incapacidade dos surdos de confessarem seus pecados para obter perdão divino e receber a comunhão na Igreja Católica. Durante esse período os surdos não possuíam direitos básicos de um cidadão (votar, receber heranças e etc.), até mesmo o casamento de duas pessoas surdas era vedado seguindo instruções bíblicas.

Passando pelos gregos, romanos e até o período da Idade Média os surdos foram considerados seres inferiores indignos de salvação. Somente a partir do século XVIII, com os estudos do Francês abade Charles M. de L'Epee, a unanimidade da corrente oralista começou a ser quebrada dando origem posteriormente a duas correntes uma oralista e outra não-oralista (Silva, 2008).

A corrente oralista, defende o chamado Oralismo, um método no qual os surdos devem aprender a reproduzir a mecânica da comunicação oral, buscando comunicar-se no mundo por meio da fala, leitura labial e de textos escritos. Existe uma falsa crença, pelos defensores deste método, de que as crianças educadas por meio dele se tornem adultos ouvintes, normalizados, integrados a sociedade e livres das dificuldades que a vida não adaptada a deficiência pode ocasionar.

Vislumbrando um futuro onde os filhos pudessem ter mais acesso a oportunidades tais como acesso a educação superior, um emprego com boa remuneração e uma boa socialização com a comunidade ouvinte, muitas famílias foram coniventes no processo de ouvintizar o surdo por meio das práticas oralistas mais absurdas incluindo desde a proibição do uso de sinais, o contato com a cultura surda e até mesmo impondo castigos físicos como, por exemplo, manter os sujeitos amarrados para impedir qualquer tipo de comunicação gestual. Muitas das ações de controle dos corpos surdos por meio do oralismo são resultados das tristes consequências ocasionadas pelo Congresso de Milão em 1880. Neste evento foram condicionadas uma série de decisões que optaram por doutrinar os surdos pela ideologia oralista.

Outro fator que pode ser apontado como motivo pelo qual a dança não é popularmente praticada entre os surdos é a interrelação existente nas linguagens

artísticas: dança x música. Como os surdos não podem perceber o som através do sentido da audição, fazendo apenas o reconhecimento das vibrações sonoras de maneira tátil, a experiência acaba sendo completamente diferente do que os ouvintes entendem como música. Nesse 'sentir o som' há uma perda muito grande das nuances e das características que compõem a música, reduzindo-a em um mero conjunto ritmado de pulsações.

Nas tentativas de doutrinar o sujeito surdo, na cultura ouvinte foram criados métodos de musicalização para os que não ouvem. O ensino da dança muitas vezes procura esse tipo de recurso para ensinar percepção rítmica da contagem musical, assim a audição mais uma vez impõe ao surdo a sua forma e sentido. Conseqüentemente essa tentativa de ouvintização só reforça a visão da cultura surda pelo viés da patologia, de um corpo doente/deficiente, da experiência de uma falta, de uma subcultura ou não cultura, embasando as perspectivas do senso comum de que os surdos são anormais e devem ser enquadrados no modelo da deficiência (SÁ, 2008).

2.2 A EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL

A educação de surdos no Brasil teve início na segunda metade século XIX com a fundação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). O então imperador da época, Dom Pedro II, convidou o professor surdo Ernest Huet e sua esposa a vir para o Brasil com o intuito de fundar uma escola para surdos, na então capital nacional, a cidade Rio de Janeiro. Foi em 26 de setembro de 1857 que o INES iniciou suas atividades oferecendo educação e asilo para meninos surdos de todo o país (STROBEL, 2008).

O instituto era um local de referência para os surdos e os professores surdos no Brasil, que procuravam alguma formação na área. A mistura dos sinais já popularmente utilizados pelos surdos brasileiros e forte influência da Língua de Sinais Francesa (LSF), trazida por Huet, originaram posteriormente a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) (MORI E SANDER, 2015); (STROBEL, 2008).

Porém esse avanço na educação brasileira para os surdos foi diretamente afetado vinte e três anos mais tarde, com o advento do congresso de Milão na Itália, evento no qual 160 votos contra quatro aprovaram o método de oralização dos surdos e vetaram toda e qualquer prática de sinais ou gestos. Desde então, o

oralismo passou a ser o único método dominante por um período de quase cem anos (MORI E SANDER, 2015).

Segundo Mori e Sanders (2015), em 1960, o professor da Universidade Gallaudet, William Stokoe, percebeu os aspectos linguísticos da Língua de Sinais Americana (ASL), como uma língua natural, completa e complexa assim como as demais línguas humanas. A partir dessa descoberta foram realizados diversos estudos que comprovaram a existência das diversas línguas de sinais utilizadas no mundo.

A legislação do Brasil nem sempre considerou o surdo como um sujeito de direito e deveres (CASSIANO, 2017). Mesmo com a existência de o INES datar dos tempos em que o Brasil ainda era império, o reconhecimento da LIBRAS como segunda língua oficial brasileira, só ocorreu em 24 de abril de 2002 pela lei nº 10.436, regulamentada posteriormente pelo decreto nº 5.626 em dezembro de 2005. O decreto estabeleceu regulamentos referentes à pessoa surda, tais quais: a obrigatoriedade da disciplina de LIBRAS nos cursos de licenciatura e fonoaudiologia, a formação profissional dos tradutores e dos instrutores de LIBRAS e principalmente os direitos de acesso à educação, saúde e serviços.

2.3 A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA DE SINAIS

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal. (STROBEL, 2008, p. 44).

Apesar da existência secular das línguas de sinais, a sua legitimação enquanto língua, não linguagem ou gestos, mas conforme a definição Saussuriana “como um fato social, produto da coletividade, que estabelece os valores desse sistema através da convenção social, sobre a qual o indivíduo não teria nenhum poder” (Rodrigues, 2008, p. 9), só ocorreu com os estudos pioneiros de William Stokoe a partir da década de 60. Os linguistas William Stokoe, Ursula Bellugi e Edward Klima, criaram bases para um estudo do sistema linguístico das línguas de sinais, enquanto línguas naturais, que se diferem da língua oral principalmente por sua característica visuoespacial, que atribui aos espaços valor sintático e ocorre com a simultaneidade dos aspectos gramaticais (SKLIAR, 2010).

Para muitos ouvintes ainda existe um estereótipo de que língua de sinais é uma mescla de pantomima, sinais icônicos, universal, não metafórica, derivada de gestualidade espontânea dos ouvintes (SKLIAR, 2010). Para o sujeito surdo a legitimidade da sua língua natural é o que confere libertação e distanciamento dos modelos e representações unicamente patológicos, pois quando há visibilidade para a língua de sinais, a concepção da surdez como deficiência vinculada às lacunas cognitivas passa a ser uma concepção da surdez como diferença linguística e cultural (GESSER, 2009).

A aquisição da língua de sinais pelos surdos se dá principalmente pelo contato com a comunidade surda. Muitas vezes esse processo de transmissão linguística ocorre de forma tardia, quando os surdos adultos ingressam na comunidade surda após anos sendo privados pela família ouvinte do contato com a cultura surda (STROBEL, 2008). Assim, a fim de evitar atrasos em seu desenvolvimento cognitivo, as crianças surdas precisam o quanto antes estar em contato com a língua de sinais (QUADROS, 1997).

2.3.1 O acesso ao ensino de Libras

É imprescindível que o professor do aluno surdo conheça a Libras de modo a facilitar a comunicação e transpor a barreira linguística entre esses dois mundos tão diferentes, o mundo dos surdos e o mundo dos ouvintes. A mediação do conteúdo das aulas por meio de um intérprete de Libras é algo interessante, mas, pode ser também um risco, pois podem ocorrer interferências comunicacionais que atrapalham o processo de ensino-aprendizado. Outro ponto é o distanciamento da relação entre o professor e o aluno, o que gera uma dependência do intérprete, que por vezes acaba sendo o ponto vital da comunicação, um meio pelo qual ambas as partes ficam acomodadas em seus mundos e onde o professor pode de modo errôneo atribuir ao intérprete a função de pessoa responsável pelo sujeito surdo, por vezes se eximindo até das suas atribuições enquanto docente.

A legislação brasileira prevê na Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, sobre o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão, incentivando a sua institucionalização o apoio e a difusão nacional do seu uso, além de garantir o atendimento adequado aos portadores de deficiência auditiva e o ensino da Língua Brasileira de Sinais, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), para os cursos de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior.

A Lei de Libras (nº 10.436) foi regulamentada em 22 de dezembro de 2005 pelo decreto nº 5.626, dispondo sobre diversos aspectos relacionados à surdez, ensino de Libras, formação dos profissionais envolvidos no processo de ensino, tradução e interpretação, e entre outros, com objetivo de garantir a inclusão e direitos à pessoa surda.

Atualmente a formação superior nos cursos de licenciatura e fonoaudiologia oferecem aos graduandos a disciplina Libras como componente curricular obrigatório. Nos demais cursos de graduação ela pode ser ofertada como matéria optativa. A carga horária média dessa disciplina nas instituições de ensino superior é de 60h, o que não é suficiente para abarcar todo o conhecimento necessário para o aprendizado de uma língua, principalmente uma, cuja modalidade se diverge totalmente da oral auditiva. Deste modo os profissionais, principalmente os da educação, que desejam ter um conhecimento maior sobre a Libras devem recorrer

aos cursos livres de Libras ofertados pelas iniciativas: pública e privada, ou por profissionais (instrutores de Libras).

Na capital do Estado do Amazonas, Manaus, os cursos livres de Libras costumam ser ofertados em três níveis: básico, intermediário e avançado. Dentre as principais instituições que ofertam esse ensino estão: o Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM); o Serviço Social do Comércio (SESC); o Centro de Apoio ao Surdo (CAS); os Centros de Idiomas do Instituto Federal do Amazonas (IFAM); o Núcleo de Apoio às Pessoa com Necessidades Especiais (NAPNE) do IFAM; A Escola Normal Superior (ENS) da UEA; Escola de Serviço Público Municipal e Inclusão Socioeducacional (ESPI).

Na atualidade, a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) oferta um Curso Superior em Letras Libras (LL) na modalidade presencial e uma graduação em Pedagogia Bilingue (PB) na modalidade semi-presencial. A graduação em PB é resultado de uma parceria entre a UFAM e o INES, desde o ano de 2018, a primeira turma de formandos deste curso irá concluir a graduação ainda no primeiro semestre de 2022. O curso em Letras Libras da UFAM, teve como figura principal para sua fundação a autora Nídia Regina Limeira de Sá, e vem oportunizando o acesso ao Ensino Superior da Libras, na cidade de Manaus, desde o ano de 2014.

2.4 IDENTIDADE E CULTURA SURDA

Acerca da identidade Sá (2010, p. 124) afirma que “A questão da identidade sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu.” e ainda “Toda identidade é construída com o outro e a partir do outro”. Perlin (2010) coloca a identidade como algo em construção móvel que pode frequentemente ser transformada ou estar em movimento, empurrando o sujeito em posições diferentes. O sujeito surdo, em suas múltiplas identidades, está sempre em uma situação de necessidade com o outro, ele busca a aceitação dos ouvintes ou dos seus semelhantes surdos. Identidade e surdez estão intrinsecamente relacionadas (SÁ, 2008), a construção da identidade deficiente ainda é muito presente na vida dos surdos (GESSER, 2009), essa hegemonia clínica e atribuição patológica devem ser transpostas, pois “O surdo tem diferença e não deficiência” (Perlin, 2010, p.57).

A pesquisadora Gladis Perlin, propõe uma categorização das identidades surdas com o intuito de mostrar as diferentes facetas que essas podem apresentar:

1. **Identidade surda-surda:** centrada no ser surdo, com uma cultura fortemente visual e marcada pela militância pelas causas do povo surdo, normalmente são os indivíduos nascidos surdos;
2. **Identidade surda híbrida:** caracteriza geralmente os surdos que nasceram ouvintes e ficaram surdos ao longo do tempo, portanto aprenderam a língua oral. Por conhecerem a estrutura de uma língua oral, eles captam as informações de forma visual, transpõe isso para a língua oral e depois para a língua de sinais.
3. **Identidade surda de transição:** surdos filhos de pais ouvintes, que foram criados longe da cultura surda e que estão tendo contato com a cultura surda e, portanto, passando por um processo de desouvintização.
4. **Identidade surda incompleta:** refere-se aos surdos que vivem sob uma ideologia ouvintista latente. Eles estão sempre na tentativa de reprodução da identidade ouvinte.
5. **Identidade surda flutuante:** é o sujeito surdo com identidade construída com múltiplos fragmentos das identidades existentes. São surdos que rejeitam a cultura surda, mas são em algumas situações forçados, e conformados, em vivenciá-la.

Para o povo surdo a diferenciação feita com base no grau de surdez não é importante, a definição das identidades surdas é feita com base no pertencimento ao grupo usando a língua de sinais e a cultura surda. É através da cultura surda que o sujeito surdo pode entender e modificar o mundo, ajustando segundo as suas percepções visuais para torná-lo acessível e habitável (STROBEL, 2008). É por meio do encontro com os outros surdos que ocorre o processo identitário e o desenvolvimento de um pertencimento a uma comunidade/cultura diferente, nessa conscientização acontece o fortalecimento a resistência às imposições dominantes de outras comunidades/culturas (SÁ, 2010).

2.5 ARTEFATOS SURDOS

Os artefatos surdos são as peculiaridades da cultura surda. Eles refletem produções do sujeito em seu próprio modo de ser, ver, sentir, entender e transformar o mundo, sendo ele próprio um artefato cultural que ilustra a cultura (STROBEL, 2008). A autora Karin Strobel (2008) classificou os artefatos surdos em 8 categorias, a seguir:

1. Experiência Visual: a percepção visual através de expressões faciais e corporais das atitudes dos seres vivos e de objetos em diversas circunstâncias.
2. Linguístico: a língua de sinais e as produções chamadas de 'sinais emergentes' e 'sinais caseiros'.
3. Familiar: o papel da família na formação do sujeito surdo.
4. Literatura Surda: ela traduz a memória das vivências surdas, por meio de sinais, através das várias gerações. Esse artefato possui diversos gêneros: poesia, história de surdos, piadas, literatura infantil etc.
5. Vida Social e Esportiva: são os acontecimentos culturais, tais como casamentos entre surdos, festas, lazeres e atividades nas associações de surdos.
6. Artes Visuais: são as criações artísticas produzidas pelos surdos como forma de expressão das emoções, histórias subjetividades e a sua cultura.
7. Política: consiste em diversos movimentos e lutas do povo surdo pelos seus direitos.
8. Materiais: são os materiais resultantes da transformação da natureza pelo trabalho humano, e sua existência e utilização são condicionadas ao comportamento cultural dos povos surdos.

3 METODOLOGIA

3.1 QUANTO À FINALIDADE

Quanto à metodologia adotada para esta pesquisa, trouxe uma abordagem de natureza pura, pois foram contemplados os conteúdos teóricos em obras publicadas, sem o propósito de aplicação prática (SANTOS; DIAS; MOLINA, 2007, p. 12).

3.2 QUANTO AOS OBJETIVOS

Considerando o objetivo da pesquisa, é possível afirmar que ela apresentou cunho exploratório, assim de acordo com Gil (2002, p. 41): “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”.

3.3 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS

Em relação ao procedimento adotado essa pesquisa, enquadrou-se como bibliográfica, pois foi elaborada a partir de material já publicado, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o tema investigado (PRODANOV, 2013). Segundo Gil (2008, p. 50) “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Sendo assim o processo de investigação ocorreu com base em produções científicas: monografias; dissertações; teses e artigos, que abordaram o assunto da temática deste trabalho e se mostraram um conteúdo relevante sobre o que foi proposto inicialmente.

A pesquisa foi realizada em dois modos: geral e específico. De modo geral foram pesquisadas produções científicas (monografias, dissertações, teses e artigos) na plataforma Oasis - mecanismo de busca multidisciplinar que permite o acesso gratuito à produção científica de autores vinculados a universidades e institutos de pesquisa brasileiros e fontes de informação portuguesas. Em uma

segunda etapa, com o intuito de obter resultados mais específicos, foi realizada uma busca online nos repositórios das faculdades e universidades, listadas no Anexo A, conforme havia sido proposto no projeto de pesquisa deste trabalho. A lista foi baseada na historiografia sobre os cursos de graduação em dança brasileiros, feita por Molina (2008), entretanto durante a busca pelos repositórios das instituições listadas, alguns não foram encontrados devido a sua inexistência.

3.3.1 Quanto à abordagem

A abordagem optou pelo método quali-quantitativo, isto é, que se baseia numa interpretação através da observação dos fenômenos e o significado do próprio fenômeno ou no significado atribuído pelo pesquisador com base na realidade e a particularidade de cada sujeito objeto, fazendo o uso também de medidas padronizadas e INTEGRATIVAS, reunindo respostas pré-determinadas, facilitando a comparação e a análise de medidas estatísticas de dados (NASCIMENTO e SOUZA, 2016).

3.4 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada no período de 10 a 15 de maio de 2022, nas plataformas Oasis e nos repositórios das Universidades/Faculdades brasileiras que oferecem o curso de graduação em dança e no repositório da Universidade Federal de Santa Catarina, devido a sua reputação como pólo de formação e produção científica na área dos estudos surdos no Brasil.

As buscas nas plataformas e repositórios das universidades foram feitas com a utilização dos termos: ‘dança and surdez’; ‘dança and educação especial’; ‘metodologia ensino de dança para a educação especial’; ‘surdos and dança’; ‘metodologia and dança’; ‘ensino and dança’; ‘educação and dança and surdo’.

Para auxiliar no processo de coleta, durante a inserção dos critérios de busca foram aplicados filtros referentes a data de publicação [2016 TO 2021], compreendendo os trabalhos publicados nos últimos cinco anos, e um filtro para o idioma do trabalho científico, no caso Língua Portuguesa.

Não foram inclusos trabalhos acadêmicos que não apresentaram propostas metodológicas voltadas especificamente para o ensino da dança para surdos.

3.5 PROCEDIMENTOS DE TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

Os dados foram selecionados seguindo os critérios de elegibilidade:

- Tipo de trabalho científico: monografia, dissertação, tese e artigo;
- local de publicação: Brasil;
- data de publicação: ano de 2016 até 2021;
- adequação a temática - O ensino de dança para surdos.

Após o download de todo o material encontrado verificou-se a existência de arquivos repetidos. As duplicatas foram descartadas e o restante dos trabalhos foi classificado de acordo com instituição/região de onde foram desenvolvidos. Após a conclusão da etapa de seleção foi realizada a leitura dos resumos. Os trabalhos que estavam de acordo com os critérios de inclusão foram lidos integralmente e posteriormente os dados foram categorizados quanto ao:

- Tipo de publicação;
- nº de publicações por local (instituição/região);
- tempo de intervenção;
- nº de participantes;
- grau de titulação dos autores;
- nº de abordagens contemplando os artefatos surdos;
- nº de abordagens contemplando musicalização;
- nº de abordagens contemplando o alfabeto manual.

A busca geral, realizada na plataforma OASIS pelo termo 'dança AND surdez' resultou em um total de 1.887 trabalhos encontrados, sendo que destes apenas 11 foram selecionados como relevantes para a temática em questão.

Tabela 1 – Nº de trabalhos encontrados na Plataforma OASIS

Termo utilizado	Plataforma	NTE	TR	TTA
dança and surdez	OASIS	3	1	
dança and educação especial	OASIS	147	1	Monografia
metodologia ensino de dança para educação especial	OASIS	48	1	Monografia

surdos and dança	OASIS	25	2	Monografia
metodologia and dança	OASIS	820	1	Monografia
ensino and dança	OASIS	822	1	Monografia
educação and dança and surdo	OASIS	22	4	Monografia/artigo
Total	-	1.887	11	-

*NTE – Número de Trabalhos Encontrados *TR – Trabalhos Relevantes *TTA – Tipo de Trabalho Acadêmico

Fonte: Próprio autor

O trabalho de busca específica, feito em buscas individualizada nos repositórios das universidades, listadas no Anexo, resultou nos dados expostos na Tabela 2 . Foi encontrado um total de 151.540 resultados, sendo que destes 35 se adequaram nos critérios de filtragem e após a exclusão dos arquivos que por algum motivo não eram relevantes ou estavam duplicados, apenas 4 enquadraram-se nos requisitos propostos.

Tabela 2 – Nº de trabalhos encontrados por Instituição

	Nome da Instituição	NTE	TR
1	Universidade do Estado do Amazonas (UEA)	112	3
2	Universidade Federal do Pará (UFPA)	7	0
3	Universidade Federal do Ceará (UFC)	60	2
4	Universidade Federal Rio Grande do Norte (UFRN)	223	0
5	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	5987	0
6	Universidade Federal de Sergipe (UFS)	839	0
7	Universidade Federal da Bahia (UFBA)	56120	11
8	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	4954	7
9	Instituto Federal Goiano (IFG)	2839	0
10	Universidade Federal de Goiás (UFG)	1606	0
11	Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)	5987	0
12	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	25426	0
13	Universidade Federal de Viçosa (UFV)	58	0

14	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	4613	0
15	Universidade Federal de Uberlândia (UFU)	4594	0
16	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	14189	12
17	Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)	18070	0
18	Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)	3840	0
19	Universidade de Caxias do Sul (UCS)	1715	0
20	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	301	0
	Total	151.540	35

Fonte: Próprio autor

A busca de forma específica resultou nos seguintes dados, tabulados de acordo com os repositórios das instituições pesquisadas:

Tabela 3 - Resultados: Universidade do Estado do Amazonas

Termo utilizado	Repositório	NTE	TR	TTA
dança and surdez	UEA	0	0	-
dança and educação especial	UEA	12	1	Monografia
metodologia ensino de dança para educação especial	UEA	6	0	-
surdos and dança	UEA	1	1	Monografia
metodologia and dança	UEA	45	0	-
ensino and dança	UEA	47	0	-
educação and dança and surdo	UEA	1	1	Monografia
Total	-	112	3	-

Fonte: Próprio autor

Tabela 4 - Resultados: Universidade Federal do Pará

Termo utilizado	Repositório	NTE	TR	TTA
dança and surdez	UFPA	7	0	-
dança and educação especial	UFPA	0	0	-
metodologia ensino de dança para educação especial	UFPA	0	0	-
surdos and dança	UFPA	0	0	-
metodologia and dança	UFPA	0	0	-
ensino and dança	UFPA	0	0	-
educação and dança and surdo	UFPA	0	0	-
Total	-	7	0	-

Fonte: Próprio autor

Tabela 5 - Resultados: Universidade Federal do Pará

Termo utilizado	Repositório	NTE	TR	TTA
dança and surdez	UFC	12	0	-
dança and educação especial	UFC	8	1	Artigo
metodologia ensino de dança para educação especial	UFC	12	1	Artigo
surdos and dança	UFC	10	0	-
metodologia and dança	UFC	2	0	-
ensino and dança	UFC	5	0	-
educação and dança and surdo	UFC	11	0	-
Total	-	66	2	-

Fonte: Próprio autor

Tabela 6 - Resultados: Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Termo utilizado	Repositório	NTE	TR	TTA
dança and surdez	UFRN	18	0	-
dança and educação especial	UFRN	205	0	-
metodologia ensino de dança para educação especial	UFRN	0	0	-
surdos and dança	UFRN	0	0	-
metodologia and dança	UFRN	0	0	-
ensino and dança	UFRN	0	0	-
educação and dança and surdo	UFRN	0	0	-
Total	-	223	0	-

Fonte: Próprio autor

Tabela 7- Resultados: Universidade Federal de Pernambuco

Termo utilizado	Repositório	NTE	TR	TTA
dança and surdez	UFPE	63	0	-
dança and educação especial	UFPE	1497	0	-
metodologia ensino de dança para educação especial	UFPE	1190	0	-
surdos and dança	UFPE	188	0	-
metodologia and dança	UFPE	1477	0	-
ensino and dança	UFPE	1384	0	-
educação and dança and surdo	UFPE	188	0	-
Total	-	5.987	0	-

Fonte: Próprio autor

Tabela 8 - Resultados: Universidade Federal de Sergipe

Termo utilizado	Repositório	NTE	TR	TTA
dança and surdez	UFSE	49	0	-
dança and educação especial	UFSE	176	0	-
metodologia ensino de dança para educação especial	UFSE	172	0	-
surdos and dança	UFSE	45	0	-
metodologia and dança	UFSE	173	0	-
ensino and dança	UFSE	179	0	-
educação and dança and surdo	UFSE	45	0	-
Total	-	839	0	-

Fonte: Próprio autor

Tabela 9 - Resultados: Universidade Federal da Paraíba

Termo utilizado	Repositório	NTE	TR	TTA
dança and surdez	UFPB	46	1	Monografia
dança and educação especial	UFPB	1273	1	Monografia
metodologia ensino de dança para educação especial	UFPB	970	1	Monografia
surdos and dança	UFPB	136	1	Monografia
metodologia and dança	UFPB	1193	1	Monografia
ensino and dança	UFPB	1205	1	Monografia
educação and dança and surdo	UFPB	131	1	Monografia
Total	-	4954	7	-

Fonte: Próprio autor

Tabela 10 - Resultados: Universidade Federal de Sergipe

Termo utilizado	Repositório	NTE	TR	TTA
dança and surdez	UFSE	49	0	-
dança and educação especial	UFSE	176	0	-
metodologia ensino de dança para educação especial	UFSE	172	0	-
surdos and dança	UFSE	45	0	-
metodologia and dança	UFSE	173	0	-
ensino and dança	UFSE	179	0	-
educação and dança and surdo	UFSE	45	0	-
Total	-	839	0	-

Fonte: Próprio autor

Tabela 11 - Resultados: Universidade Federal da Bahia

Termo utilizado	Repositório	NTE	TR	TTA
dança and surdez	UFBA	3295	2	Monografia/ Dissertação
dança and educação especial	UFBA	11101	2	Monografia/ Dissertação
metodologia ensino de dança para educação especial	UFBA	12584	2	Monografia/ Dissertação
surdos and dança	UFBA	3395	1	Monografia
metodologia and dança	UFBA	9330	1	Monografia
ensino and dança	UFBA	7795	1	Monografia
educação and dança and surdo	UFBA	8620	2	Monografia/ Dissertação
		56120		

Fonte: Próprio autor

Tabela 12 - Resultados: Universidade Federal de Goiás

Termo utilizado	Repositório	NTE	TR	TTA
dança and surdez	UFG	9	0	-
dança and educação especial	UFG	439	0	-
metodologia ensino de dança para educação especial	UFG	253	0	-
surdos and dança	UFG	17	0	-
metodologia and dança	UFG	432	0	-
ensino and dança	UFG	442	0	-
educação and dança and surdo	UFG	14	0	-
Total	-	1606	0	-

Fonte: Próprio autor

Tabela 13 - Resultados: Universidade Federal do Mato Grosso

Termo utilizado	Repositório	NTE	TR	TTA
dança and surdez	UFMT	325	0	-
dança and educação especial	UFMT	1243	0	-
metodologia ensino de dança para educação especial	UFMT	1266	0	-
surdos and dança	UFMT	342	0	-
metodologia and dança	UFMT	1005	0	-
ensino and dança	UFMT	862	0	-
educação and dança and surdo	UFMT	944	0	-
Total	-	5987	0	-

Fonte: Próprio autor

Tabela 14 - Resultados: Universidade Federal do Rio de Janeiro

Termo utilizado	Repositório	NTE	TR	TTA
dança and surdez	UFRJ	1235	0	-
dança and educação especial	UFRJ	0	0	-
metodologia ensino de dança para educação especial	UFRJ	16209	0	-
surdos and dança	UFRJ	453	0	-
metodologia and dança	UFRJ	3094	0	-
ensino and dança	UFRJ	2079	0	-
educação and dança and surdo	UFRJ	2356	0	-
Total	-	25426	0	-

Fonte: Próprio autor

Tabela 15 - Resultados: Universidade Federal Viçosa

Termo utilizado	Repositório	NTE	TR	TTA
dança and surdez	UFV	0	0	-
dança and educação especial	UFV	12	0	-
metodologia ensino de dança para educação especial	UFV	11	0	-
surdos and dança	UFV	2	0	-
metodologia and dança	UFV	13	0	-
ensino and dança	UFV	18	0	-
educação and dança and surdo	UFV	2	0	-
Total	-	58	0	-

Fonte: Próprio autor

Tabela 16 - Resultados: Universidade Federal de Uberlândia

Termo utilizado	Repositório	NTE	TR	TTA
dança and surdez	UFU	53	0	-
dança and educação especial	UFU	1176	0	-
metodologia ensino de dança para educação especial	UFU	839	0	-
surdos and dança	UFU	171	0	-
metodologia and dança	UFU	1070	0	-
ensino and dança	UFU	1125	0	-
educação and dança and surdo	UFU	160	0	-
Total	-	4594	0	-

Fonte: Próprio autor

Tabela 17 - Resultados: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Termo utilizado	Repositório	NTE	TR	TTA
dança and surdez	UFRGS	145	2	Monografia/ Artigo
dança and educação especial	UFRGS	3669	0	-
metodologia ensino de dança para educação especial	UFRGS	2419	2	Monografia/ Artigo
surdos and dança	UFRGS	409	2	Monografia/ Artigo
metodologia and dança	UFRGS	3512	2	Monografia/ Artigo
ensino and dança	UFRGS	3646	2	Monografia/ Artigo
educação and dança and surdo	UFRGS	389	2	Monografia/ Artigo
Total	-	14189	12	-

Fonte: Próprio autor

Tabela 18 - Resultados: Universidade Federal de Pelotas

Termo utilizado	Repositório	NTE	TR	TTA
dança and surdez	UFPEL	333	0	-
dança and educação especial	UFPEL	3608	0	-
metodologia ensino de dança para educação especial	UFPEL	7782	0	-
surdos and dança	UFPEL	373	0	-
metodologia and dança	UFPEL	2091	0	-
ensino and dança	UFPEL	1713	0	-
educação and dança and surdo	UFPEL	2170	0	-
Total	-	18070	0	-

Fonte: Próprio autor

Tabela 19 - Resultados: Universidade Federal de Santa Maria

Termo utilizado	Repositório	NTE	TR	TTA
dança and surdez	UFSM	52	0	-
dança and educação especial	UFSM	935	0	-
metodologia ensino de dança para educação especial	UFSM	787	0	-
surdos and dança	UFSM	107	0	-
metodologia and dança	UFSM	938	0	-
ensino and dança	UFSM	916	0	-
educação and dança and surdo	UFSM	105	0	-
Total	-	3840	0	-

Fonte: Próprio autor

Tabela 20 - Resultados: Universidade de Caxias do Sul

Termo utilizado	Repositório	NTE	TR	TTA
dança and surdez	UCS	14	0	-
dança and educação especial	UCS	440	0	-
metodologia ensino de dança para educação especial	UCS	336	0	-
surdos and dança	UCS	36	0	-
metodologia and dança	UCS	436	0	-
ensino and dança	UCS	420	0	-
educação and dança and surdo	UCS	33	0	-
Total	-	1715	0	-

Fonte: Próprio autor

Tabela 21 - Resultados: Universidade Federal de Santa Catarina

Termo utilizado	Repositório	NTE	TR	TTA
dança and surdez	UFSC	4	0	-
dança and educação especial	UFSC	112	0	-
metodologia ensino de dança para educação especial	UFSC	68	0	-
surdos and dança	UFSC	14	0	-
metodologia and dança	UFSC	102	0	-
ensino and dança	UFSC	1	0	-
educação and dança and surdo	UFSC	0	0	-
Total	-	301	0	-

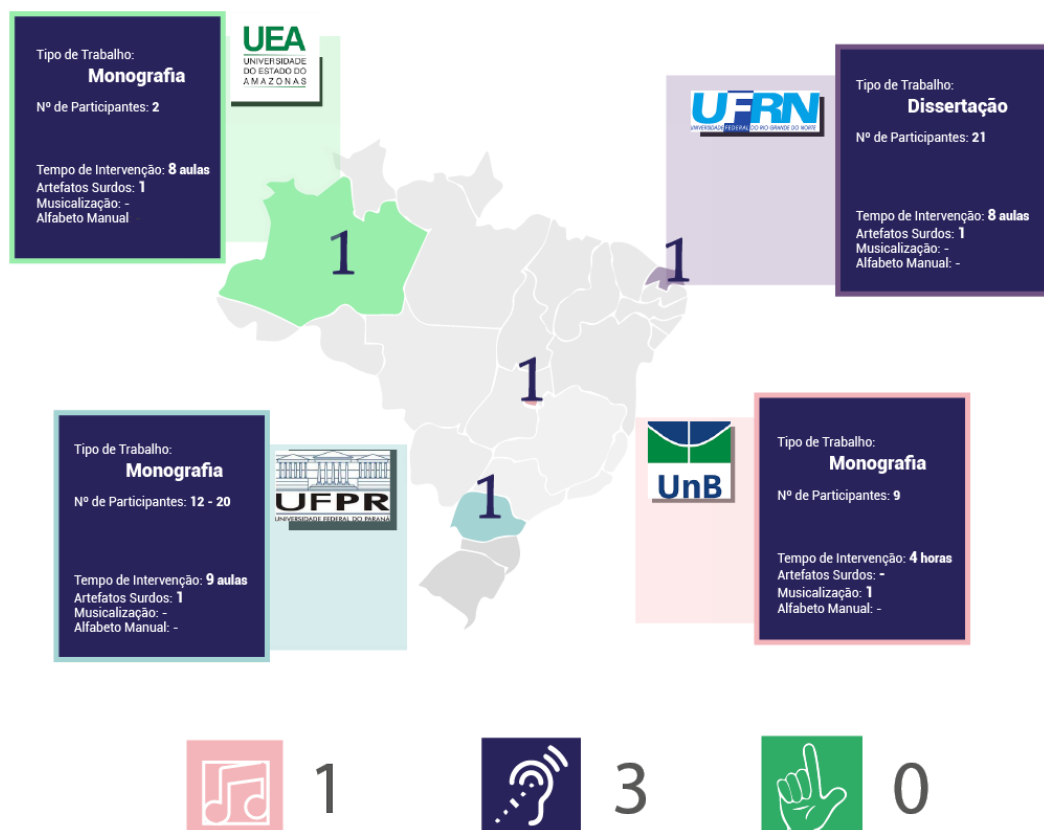
Fonte: Próprio autor

Os dados foram tabulados no programa Excel 2016, e após a análise foram compilados em um infográfico, possibilitando assim uma apresentação visual mais organizada e dinâmica.

4 RESULTADOS

De acordo com os dados selecionados foram encontradas 3 monografias e 1 dissertação que tratam sobre metodologias do ensino de dança para surdos, sendo que destas 75% trouxeram abordagens contemplando a artefatos surdos, principalmente a Libras e o aspecto visual e apenas 1 que optou pela estratégia de musicalização. Nenhum dos trabalhos apresentou alguma proposta enfatizando o alfabeto manual. A metodologia de 3, dos 4 trabalhos encontrados, apresentaram uma média de duração do tempo de intervenção de 8 – 9 aulas. O trabalho restante aplicou uma oficina em período de 4 horas. Quanto a local das produções, relativos a instituição/região onde foram feitos os trabalhos: UEA/Região Norte; UFRN/ Região Nordeste; UnB/ Região Centro-Oeste e UFPR/ Região Sul. Apenas a região sudeste não apresentou nenhum resultado para esta pesquisa.

Figura 1 – Infográfico com os resultados encontrados



Fonte: Próprio autor

4.1 A DANÇA EDUCAÇÃO E SUA CONTRIBUIÇÃO NO DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

O Trabalho de Conclusão de Curso da autora Ana Karinna da Silva Facundes propõe uma prática metodológica de ensino da dança para surdos aliada aos conhecimentos em psicomotricidade. Apresentado a Universidade do Estado do Amazonas no ano de 2018, a pesquisa foi feita com base em um método exploratório descritivo, com a realização de uma intervenção feita com 2 participantes surdos, ambos os sexos com na faixa etária de 15 a 30 anos. As 8 aulas foram ministradas com o auxílio de uma professora/ intérprete de Libras, consistindo em momentos de alongamento, exercícios psicomotores, montagem coreográfica e improvisação. Os alunos foram avaliados ao final de cada uma das aulas, por meio de três testes: 1.Fator Noção do Corpo; 2.Fator Equilibração; 3. Fator Lateralização, baseados nos 7 fatores da Bateria Psicomotora de Victor da Fonseca (1995). O estudo concluiu que a Dança Educação pode ser aplicada para os indivíduos surdos e que ela realmente contribui para o desenvolvimento psicomotor dos sujeitos surdos.

4.2 O JOGO PODE SE TRANSFORMAR EM DANÇA: UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA INCLUSIVA NA ESCOLA PÚBLICA

A dissertação da autora Andreia Silva de Melo, apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 2019, trás uma abordagem metodológica que utiliza jogos corporais, levando em consideração a movimentação cotidiana da criança (como andar, pular, deitar, correr, etc.) associando aos fatores ou qualidades do movimento do Esforço/ Expressividade/ Pulsão propostos por Rudolph Von Laban. A intervenção ocorreu em 8 encontros, durante o horário das aulas de arte, em uma turma inclusiva do 3º ano do ensino fundamental I, com 21 alunos, sendo que dentre eles havia uma aluna surda. Durante as aulas a autora relata ter optado por não utilizar a música e ministrar as atividades em Libras para a aluna surda. O relato de experiência considerou que durante o processo os alunos puderam, por meio do jogo corporal, aprender mais sobre o corpo, na forma de dialogar com o

outro, com o espaço e o tempo, de maneiras diversificadas, como também, favoreceram a inclusão de todos da turma, melhorando a socialização.

4.3 DANÇA E SUJEITOS SURDOS: UMA REFLEXÃO PEDAGÓGICA

O trabalho de Conclusão de Curso de Aline Lima de Moura, apresentado à Universidade de Brasília, no ano de 2018, investigou diversos cenários dança enquanto expressão artística ocorre na comunidade surda. Logo, foram entrevistados professores surdos dois alunos, sendo um surdo e uma ouvinte, além do relato de observação de uma oficina de dança ministrada por um professor surdo e a produção de uma coreografia baseada na Libras. A oficina ministrada pelo professor surdo, teve uma duração de 4 horas com a presença de 9 participantes, surdos e ouvintes. Apesar de a autora discorrer sobre a música não ser algo imprescindível para o ensino de dança para surdos, o professor da oficina utilizou o recurso da musical durante a intervenção, trabalhando com os participantes principalmente a consciência corporal e a improvisação com o intuito de composição coreográfica em conjunto a partir dos movimentos experimentados. Moura a partir das experiências obtidas, conclui que a aula de dança para indivíduos surdos quando lecionada por um professor surdo pode proporcionar ao aluno surdo maior confiança por haver entre eles uma identificação. A autora frisa a importância de o professor ouvinte ser fluente em Libras, conhecer a cultura surda e participante da comunidade surdo para que forma que a identidade desse aluno surdo possa ser fortalecida e valorizada.

4.4 UMA EXPERIÊNCIA COM O ENSINO DA DANÇA BREAKING COM ALUNOS SURDOS

Graduado em licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná, o autor Fabrício da Fonseca propôs em seu TCC, no ano de 2017, uma metodologia de pesquisa-ação com o ensino de Dança Breaking para alunos surdos. A quantidade de participantes variou ao longo das aulas com um mínimo de 12 até

um máximo de 20 alunos, com faixa etária de 4 a 21 anos. Ao todo foram ministradas 9 aulas e a mediação das aulas ocorreu com a participação de um intérprete de Libras. As aulas foram divididas em três momentos, sendo o primeiro o ensino dos passos de dança, o segundo marcado pela liberdade dada aos alunos para improvisarem de acordo com os passos aprendidos e o terceiro momento, para terminar a aula, uma roda de conversa para troca de conhecimento e esclarecimento de dúvidas. Um ponto forte da metodologia de aula proposta pelo autor baseava-se na musicalização, e no 'sentir a música'. Em um importante relato feito sobre a experiência com os alunos, Fabrício afirma que ao ministrar aulas para faixas etárias diferentes, com coordenação motora distinta, atrelada a sua falta de fluência em Libras, foram grandes desafios, pois a mera demonstração dos passos, acreditando que 'eles aprendem vendo', foi o suficiente, necessitando de uma interação professor aluno para além de um ensino da técnica.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados encontrados são uma amostra da realidade atual do que se tem proposto como metodologia de ensino de dança para surdos. A quantidade reduzida de trabalhos encontrados revela a escassez de propostas voltadas para esse público consequência de uma série de fatores que incluem tanto a legislação que rege o sistema educacional brasileiro, fatores históricos, socioculturais e biopsicológicos.

O ensino da dança só foi legitimado como parte integrante da disciplina de arte com a Lei 13.278/2016, que passou a incluir as artes visuais, a dança, a música e o teatro nos currículos dos diversos níveis da educação básica, o que representa algo recente e ainda demanda muito trabalho para alcançar lugares tais como a educação inclusiva. A educação para surdos também está num processo de desenvolvimento, as conquistas previstas pela Lei 10.436 e o Decreto 5.626 até o momento estão longe do que deveria ser o ideal.

Outra justificativa para a quantidade limitada de trabalhos encontrados está na concentração do campo de busca adotado. Esta pesquisa optou por procurar apenas metodologias aplicadas ao ensino da dança para surdos apenas em produções brasileiras. Se o campo de busca fosse ampliando para incluir produções em de outros países provavelmente o quantitativo de trabalhos encontrados poderia ser maior.

As metodologias nos trabalhos aqui expostos buscaram fazer uso da Libras como recurso comunicacional para transmitir a informação das aulas de modo que os alunos surdos pudessem compreender o conteúdo ministrado. É interessante destacar a diferença positiva que existe entre um professor que tem fluência na língua de sinais tal como Moura (2018) e Melo (2020) para outro que utiliza o recurso de um tradutor/intérprete, como no caso de Fonseca (2017), o autor relatou a grande dificuldade que teve e ressaltou a importância de conhecer a Libras. É importante destacar que durante as aulas, diversas vezes, ele se viu obrigado a apelar para a gestualidade como modo de ser compreendido pelos alunos surdos.

Apenas uma das metodologias apresentou o recurso da musicalização como recurso de ensino nas aulas. Facundes (2018), Moura (2018) e Melo (2020) em seus

trabalhos frisaram a não obrigatoriedade de utilizar a música no ensino da dança para surdos. A fundamentação teórica e os relatos feitos principalmente em Moura (2018) e Melo (2020) demonstraram uma vivência mais próxima à cultura surda o que resultou em abordagens que priorizaram contemplar os aspectos visuais e linguísticos do sujeito surdo, e ao mesmo tempo garantindo que esses alunos pudessem estar em contato com os ouvintes de maneira inclusiva.

Facundes (2018) e Moura (2018) desenvolveram trabalhos voltados para a dança enquanto terapia para melhorar os aspectos biopsicossociais. Segundo os resultados apresentados por ambas as autoras as intervenções, evidenciando tanto o uso de jogos e da psicomotricidade, geraram consequências positivas para os participantes. Porém, é importante discutir criticamente sobre as atividades desenvolvidas nesses trabalhos, pelas descrições feitas na metodologia entende-se que nas aulas de Moura (2018) não houve a intenção de oportunizar ao aluno a possibilidade de uma experiência de criação em dança. Assim os alunos dessas aulas só tiveram acesso a uma dança com o intuito de desenvolvimento psicomotor, como ocorre normalmente nos trabalhos em dança realizados pelos profissionais formados em Educação Física, e não para incitar a expressão corporal por meio da dança de maneira crítica. Fonseca (2017), mesmo sendo da área da Educação Física, e trazendo uma aula voltada para o ensino da técnica do *'Breaking'*, ainda oportunizou um momento em suas aulas para o desenvolvimento da criatividade no fazer artístico.

Belaunde (2017) realizou um trabalho de dissertação que incluiu a pesquisa de metodologias voltadas para o ensino da arte para surdos no período de 2005 - 2015. Esta pesquisa resultou em uma quantidade reduzida de produções, dentre os trabalhos voltados para a dança, corpo e teatralidade a autora só conseguiu encontrar 3 trabalhos acadêmicos relevantes dentro da temática proposta. Comparando o período de tempo que a pesquisa Belaunde (2017) abarcou com o desta pesquisa, de 2017 – 2021, é possível inferir que houve um aumento no número de publicações voltadas para a temática do ensino da dança para surdos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o exposto é imprescindível que todos se conscientizem da importância de conhecer o sujeito surdo por uma perspectiva não ouvintista, levando em consideração de seus aspectos identitários, linguísticos e culturais. Ao entender as potencialidades do surdo em sua realidade visual e não impor uma pedagogia corretiva, numa tentativa falha de normalização da diferença, o professor desse aluno abre a possibilidade de explorar uma infinidade de recursos a serem trabalhados que oportunizarão mudanças positivas na vida desse discente tendo na arte a chance de transformação da sua realidade.

Discutir sobre a temática deste trabalho é relevante, pois a atuação dos profissionais licenciados em dança nas escolas e/ou academias pode demandar conhecimento sobre metodologias para o ensino da dança para surdos. Assim, pesquisas como esta podem apresentar, a esse público, um panorama sobre a atual situação do tema em questão promovendo um contato com as produções mais recentes oportunizando o acesso as propostas e vivências com o ensino para surdos. Deste modo os professores têm a possibilidade de ofertar um ensino de maior qualidade aos seus discentes surdos por compreender os aspectos que compõe as vidas desses sujeitos.

A quantidade reduzida de produções científicas encontradas, abordando a temática, revelam a necessidade de propor novas metodologias que possam abarcar conhecimentos que transponham o ensino da técnica e da musicalização. Seja em um ensino especial ou inclusivo, a dança deve sempre buscar explorar o potencial crítico-criador de seus aprendizes, valorizando a expressão do ser em todos os seus aspectos, atuando na libertação das cognições cativas.

Para concluir... Surdo, Dança?. Ao longo de todo o trabalho foi possível compreender o sujeito surdo em suas especificidades e entender que sim, os surdos dançam e só não dançam mais, pois ao longo de sua história seus corpos foram doutrinados na cultura do silêncio, não somente do silêncio da ausência do som, mas também na ausência do movimento. A dança para o surdo pode ser a arte, a possibilidade de ecoar com todo corpo a expressão de uma liberdade silenciada.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras**. Estudos avançados, v. 3, n. 7, p. 170-182, 1989.

BELAUNDE, Caroline Zimmermann. **Os processos perceptivos do aluno surdo: o universo da arte**. 2017. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/cCivil_03/LEIS/2002/L10436.htm>. Acesso em: 22 abril 2022.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>. Acesso em: 22 abril 2022.

BRASIL. Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. **Diário Oficial da União**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13278.htm>. Acesso em: 22 abril 2022.

DOS SANTOS GARCIA, Maria Izabel. **Corpos (in) dóceis ou o domínio dos ouvintes sobre os surdos**. Unidad Sociologica. Universidad de Buenos Aires, nº 4, 2015.

FACUNDES, Ana Karinna da Silva. **A dança educação e sua contribuição no desenvolvimento psicomotor na educação especial**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Curso de Dança. Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2018.

FONSECA, Fabrício. **Uma experiência com o ensino da dança breaking com alunos surdos**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Curso de Educação Física. Universidade Federal do Paraná, Matinhos, 2017.

FONSECA, Vítor. **Psicomotricidade e alto rendimento**. Psicologia, v. 10, n. 1/2, p. 73-88, 1995.

FUX, María. **Formação em dançaterapia**. Summus Editorial, 1996.

GEDIEL, Ana Luisa Borba. **Falar com as mãos e ouvir com os olhos?: a corporificação dos sinais e os significados dos corpos para os surdos**. Porto Alegre. 2010.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HIX, Lisa. **‘Deaf people rock’: Deaf Dance Festival founder Antoine Hunter speaks his truths, upbringing**. Bay City News Fondation. Disponível em: <https://localnewsmatters.org/2020/08/14/deaf-people-rock-death-dance-festival-founder-antoine-hunter-speaks-his-truths-upbringing/>. Acesso em: 15 de abril de 2022.

LULKIN, Sérgio Andres. **O discurso moderno na educação dos surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada**. In Skliar Carlos(org.) A surdez: um olhar sobre as diferenças.6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

MORI, Nerli Nonato Ribeiro; SANDER, Ricardo Ernani. **História da educação dos surdos no Brasil**. Seminário de Pesquisa do PPE. Universidade Estadual de Maringá, v. 2, 2015.

NASCIMENTO, Francisco Paulo; SOUZA, Flávio Luís Leite. **Metodologia da Pesquisa Científica Teoria e Prática**. 1. ed. Brasília: Thesaurus, 2016.

NEVES, Gabriele Vieira. **Corpos surdos na arte De’via: resistências políticas das imagens**. 2021.

MELO, Andreia Silva de. **O jogo pode se transformar em dança: uma intervenção pedagógica inclusiva na escola pública**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Curso de Pedagogia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. - São Paulo : Martins Fontes, 1999.

MOLINA, Alexandre. **(Im) Pertiências curriculares nas licenciaturas em Dança no Brasil**. 2008. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Dança. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

MOURA, Aline Lima de. **Dança e sujeitos surdos: uma reflexão pedagógica**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Curso de Pedagogia. Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

OASIS. **Sobre a Plataforma OASIS**. Disponível em: <<http://oasisbr.ibict.br/vufind/>>. Acesso em 16 dez. 2021.

PAGNI, Pedro Angelo; DE OLIVEIRA MARTINS, Vanessa Regina. **Corpo e expressividade como marcas constitutivas da diferença ou do ethos surdo**. Revista Educação Especial, v. 32, p. 1-21, 2019.

PATEL, Nell. **O Que é Dashboard: Os 3 Tipos, Como Fazer o Seu e 4 Ferramentas**. Disponível em:<<https://neilpatel.com/br/blog/dashboard-o-que->

ANEXO

ANEXO A - Lista dos repositórios das Universidades/ Faculdades baseadas no trabalho de Molina (2008), propostas no projeto do TCC

- Universidade do Estado do Amazonas
- Universidade Federal do Pará
- Universidade Federal do Ceará
- Universidade Federal do Rio Grande do Norte
- Universidade Federal de Pernambuco
- Universidade Federal de Sergipe
- Universidade Federal de Alagoas
- Universidade Federal da Bahia
- Universidade Federal do Sudoeste da Bahia
- Universidade Federal da Paraíba
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
- Universidade Federal de Goiás
- Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul
- ~~Universidade Estadual de Campinas*~~
- Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Universidade Federal de Viçosa
- Universidade Federal de Minas Gerais
- Universidade Federal de Uberlândia
- ~~Faculdade Paulista de Artes*~~
- ~~Universidade Anhembi Morumbi*~~
- ~~Faculdade Tijuca*~~
- ~~Universidade de Sorocaba*~~
- ~~Centro Universitário Sant'Anna*~~
- ~~Faculdade Angel Vianna*~~
- ~~Universidade Candido Mendes*~~
- Universidade Estadual do Paraná

- Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
- Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- Universidade Federal de Pelotas
- Universidade Federal de Santa Maria
- Universidade Luterana do Brasil
- Universidade de Caxias do Sul
- Universidade Federal de Santa Catarina

Repositório Inexistente -*